

ENTREVISTA COM CENIR SILVA E MARGARETE MARIA DE ARAUJO (LETA)

MESTRA DE OBRAS E ASSESSORIA TÉCNICA

DATA:09/03/2022

LOCAL: ONLINE

PARTICIPANTES:

Giselle

Cenir

Leta

TAGS:

Formação das frentes de trabalho remuneradas

Organização interna dos trabalhadores

Remuneração dos trabalhadores

Ações trabalhistas

Formação dos trabalhadores

Divisão de tarefas na obra

Atuação feminina na obra

Desperdícios e cuidados na execução da obra

Compreensão da obra e análise do controle de produção pelos trabalhadores

Lista de siglas:

URBEL- Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte

PRODECOM - Programa de Desenvolvimento de Comunidades

SESC- Serviço Social do Comércio

SESI- Serviço Social da Indústria

INSS- Instituto Nacional do Seguro Social

FTR- Frentes de Trabalho Remuneradas

Conversa inicial entre as entrevistadas e a entrevistadora sobre o porquê da entrevista, com foco na frente de trabalho remunerada, o trabalho empreendido no mutirão como também em relação à produção que se mobilizou na autogestão em comparação a uma produção tradicional (tema principal da entrevista).

Formação das frentes de trabalho remuneradas

Giselle: Cenir, eu queria entender como era essa organização das frentes de trabalho, principalmente lá no Urucuia, que foi quando você começou na autogestão, de alguma maneira. Me explica como foi essa transição sua entre essa participação no mutirão que você estava representando sua mãe, não era isso? Para ocupar as frentes de trabalho, como foi esse processo, como que se deu sua adesão lá.

Cenir: Na verdade, na época eu estava trabalhando com vendas de roupa e eu queria mudar...Eu sempre gostei de obra, você sabe, e eu queria mudar e estava uma época ruim para vendas, meu lucro estava sendo bem pouco, aí eu comecei, perguntei se tinha como... eu precisava, na verdade, trabalhar, aí eu fiz essa transição. Na verdade, não foi bem uma transição não, porque eu participava dos mutirões e trabalhava durante a semana, então eu acho que eu aderi às duas coisas.

Giselle: E aí então me explica Leta, como que, porque você já me contou que existia nesse primeiro momento as frentes de trabalho intermunicipais, que vinha mão de obra de Ipatinga, dos mutirantes que se formaram em Ipatinga, para incorporar as frentes de trabalho de Belo Horizonte. Além dessas pessoas, e de mutirantes do próprio conjunto, no caso do Uruçuia, quem eram as outras pessoas e como que ocorria essa contratação e ao mesmo tempo, desses mutirantes do Uruçuia, do conjunto que estava sendo construído naquele momento, como que eles aderiram a isso? No caso da Cenir, ela contou que tinha um interesse, mas e as demais pessoas?

Leta: As frentes de trabalho desde Ipatinga... Porque essa história de frente de trabalho, Gisa, foi uma, digamos, invenção do Maurício Libânio. O Maurício era sociólogo na URBEL e trabalhava... ele era assessor na prefeitura de Ipatinga e ele tinha uma herança muito interessante do PRODECOM. Ele trabalhou no PRODECOM, e o PRODECOM tinha um entendimento muito expedito desses trabalhos então. Até uma coisa que eu sempre tive como referência que os mutirões do PRODECOM com essas frentes de trabalho elas funcionavam de uma maneira até mais eficiente, porque as obras eram os lugares onde as pessoas já viviam, moravam. Então, no PRODECOM, eu não tenho certeza se elas eram remuneradas, eu sei que era uma coisa bem expedita talvez tivesse algumas pessoas contratadas, assim recebendo, encarregados, sei lá o que. Eles tinham uma conta aberta num depósito de materiais de construção que a Associação podia ir lá e pegar o que fosse necessário para fazer o calçamento de uma rua, para fazer o chafariz, coisas desse tipos, mas eu não tenho certeza se tinha a remuneração da mão de obra ou se era só mutirão. Mas o fato é que quando eu cheguei em Ipatinga para trabalhar junto com a Associação Habitacional, o Maurício falava muito disso, essas frentes de trabalho, parece que no Nordeste do Brasil obras públicas, tinham também essa estrutura e o fato é que a gente inventou essa frente de trabalho, mas com remuneração. A gente tinha dinheiro para remunerar a mão de obra para a produção das moradias e a gente entendia que as melhores pessoas que poderiam aderir a isso seriam os futuros moradores. Então, desde Ipatinga, que a prática era o seguinte: toda vez que ia começar um serviço novo a gente anunciava nos mutirões de fim de semana, né Cenir? Falava "olha, vai começar a abertura de valas de fundação, nós estamos pagando tantos reais, no caso de fundação, vala, por metro cúbico de área." Ia lá no lugar, mostrava, explicava, inclusive o jeito de medir, porque se as valas eram lá 40x30, que eu acho que eram as valas lá do Uruçuia, a gente já tinha pra cada tantos metros lineares dava tantos metros cúbicos de forma que as próprias equipes sabiam o que estavam produzindo. Então, a gente fazia chamada, falava "vai ter trabalho de tal ordem" e as pessoas se organizavam em equipe, e em geral, às vezes tinha mudanças, trabalhavam um com outro, mas tinha as equipes que se formavam para pegar os serviços e inclusive, dividir entre eles a remuneração, que era uma coisa que era muito discutida sempre, porque na frente de trabalho aquelas pessoas que estavam acostumadas a trabalhar como oficial, queria ganhar mais do que o ajudante -eu não sei como era nas equipes que a Cenir entrava-,mas lá em Ipatinga, quando começaram as frentes de trabalho, para a produção ,por exemplo, de alvenaria, que aí tem uma característica muito marcado do oficial

e do trabalho do ajudante, eles queriam manter essa hierarquia e ganhar, continuar ganhando, mais do que os ajudantes. Mas, tinha um ajudante lá que era o seu Edson, que ele era disputadíssimo por todo mundo, porque ele era excepcional, aquele ajudante que até adivinha o que o pedreiro está precisando, claro que isso refletia na produção da equipe, então quando entrava em discussão... porque a gente não se intrometia na forma que eles distribuía entre eles, então por exemplo: se a equipe trabalhou lá cinco dias e alguém trabalhou quatro ou trabalhou três como que era depois distribuído? Talvez, a Cenir pode contar pra gente depois como isso era internamente, porque a gente pagava para a equipe e a equipe distribuía entre eles, né Cenir?

Remuneração dos trabalhadores

Cenir: É, na verdade você pagava para a equipe, mas a equipe tinha uma pessoa à frente, mas os oficiais ganhavam diferente dos ajudantes.

Giselle: E isso foi decidido então por vocês, dentro desse grupo, não foi a Assessoria que impôs isso não?

Cenir: Não, não, é o grupo que decidia, porque tinha uns que tinham uma mão de obra mais específica e os serventes, então era dividido isso, mas em valores diferenciados.

Leta: Você chegou a trabalhar em serviços que não são ofício de oficial, por exemplo, a abertura de vala?

Cenir: Não.

Leta: Não, né? Você já pegou lá na parte das ...

Cenir: Só no mutirão mesmo durante [?] abertura de vala, construção de arrimo, essas partes eu participei, mas nos finais de semana.

Leta: É, porque também Gisa, desde aquele dia que você falou que queria conversar sobre isso que eu fico lembrando de coisas como a gente fazia... Eu até pensei que se eu achasse um dos meus diários de obra eu ia ter talvez uma ilustração legal de como... eu te passei os diários de obra Gisa?

Giselle: Não, você não encontrou na época.

Leta: Tá, talvez eu não tenha encontrado até hoje, mas enfim, agora que eu estou de mudança de novo era a hora de aparecer. Mas uma coisa que eu fiquei lembrando é como que a gente calculava o valor a pagar por serviço, que era uma forma, inclusive, que nos ajudava muito, aí a Cenir vai lembrar disso, mas lá do Serra Verde, a não fugir dos valores previstos na planilha. Porque nas planilhas, a gente tinha um montante para pagar tal serviço e este montante tinha sido calculado considerando uma mão de obra com carteira assinada, porque as planilhas que a gente montava eram as planilhas tradicionais, era a mesma planilha que as empreiteiras trabalhavam. E na mão de obra da... e no encargo mão de obra, você, na época, tinha - eu acho que isso não mudou- mas era 112% de encargos, então a cada R\$100 que entravam no bolso do trabalhador, outros R\$112

desapareciam, iam para aquele sistema SESC, SESI, sei lá mais o que, o próprio INSS, enfim, depois você pode até dar uma olhada nessa composição de encargos Gisa, mas na época era alguma coisa em torno de 112%. Então, o que que a gente fazia? A gente pegava o volume total do que a gente tinha que fazer, por exemplo, tantos metros quadrados de alvenaria, pegava o dinheiro da mão de obra e via quanto que era possível pagar no limite pra cada metro quadrado de alvenaria executada e aí tinha um certo... aí pra cada um desses mutirões que trabalhavam de uma maneira, mas tinha um certo acordo que essa economia dos encargos -porque também a gente não conseguia ficar livre de todos, por exemplo o INSS era recolhido pra alguma parte da mão de obra. Teve uma época que a gente tentou que a mão de obra cada um tivesse seu INSS de autônomo. Você chegou a trabalhar assim Cenir?

Cenir: Não.

Leta: Recolhendo o INSS?

Cenir: Não.

Leta: Pois é, tinha a questão de acidentes de trabalho, que tinha que ter algum tipo de garantia. Então, na verdade, pra cada lugar essas coisas eram acordadas de uma maneira ou de outra. Eu lembro que quando a gente chegou no Serra Verde, Cenir, lá no RSV, a gente pedia cada um para fazer o seu carnê de autônomo.

Cenir: Eu era contratada, né Leta?

Leta: Você era, mas os meninos das frentes de trabalho, aqueles que trabalhavam no dia a dia da obra, como carpinteiro, como armador, etc ele tinha que comprovar que estava pagando... recolhendo o INSS, especialmente, por conta dessa coisa de acidente de trabalho, enfim. Teve um época que, inclusive, a Marina, Cenir, parece... nossa, em falar nisso eu esqueci de falar com a Marina, tentar com ela que viesse na conversa, mas depois a gente pode até tentar tirar dúvidas. Eu acho que teve uma época que os carnês ficavam com a gente... do INSS. E aí, recolhia o valor, ao invés do cara ter que comprovar que pagou e dividia o resto entre a equipe, mas o que eu estava querendo dizer do controle, Gisa, é que, quando você tem uma obra tradicional com mão de obra...

Cenir: Ô Leta, é só uma dúvida assim, para esclarecer uma coisa: No Serra Verde, na verdade, o pessoal era contratado, era uma parte boa... o armador... eu lembro que nós tivemos até problema com um contratado lá que nós não pudemos mandar ele embora, ele pegou, pegou, pegou atestado médico, aí ele teve uma garantia de que não poderíamos mandar ele embora, senão ia ter que ressarcir ele com aquele valor, só depois de um tempo que nós pudemos dispensar ele. Ele estava dando problema na obra. Mas eram contratados, uma parte boa, Leta.

Leta: Só quem não era integrante, só quem não era mutirante né, Cenir, porque aí a gente não...

Cenir: Isso, não era mutirante, exatamente.

Leta: Quem não era mutirante, se não tivesse... e no Serra Verde, Gisa, essa coisa das famílias elas estavam muito desmobilizadas, tinham muitas famílias nas 77 que não tinham nem ideia do que era uma autogestão, do que que era um mutirão... Assim, a gente não tinha nem a obrigação do final de semana, era cada... não sei se cada quinze, eu não sei, ali desvirtuou totalmente o sentido da produção autogestionária, mas nos outros... Então lá no Urucuia, por exemplo, tinha as frentes de trabalho intermunicipais que a gente chamava, aquele povo que veio lá de Ipatinga para fazer alvenaria e ensinar a alvenaria que, na verdade, foi muito mais presente lá no Villaregia, porque, depois do Villaregia, já tinha um monte de gente formada para esse serviço especializado, então no Urucuia nem tinha tanta gente assim de fora. O que teve muito de fora foi o Havaí e o Villaregia, que era o início desse processo de produção de alvenaria estrutural com aquele bloco Usimix.

Giselle: O de fora, que você fala, de Ipatinga?

Leta: É, e de fora das famílias mutirantes também, porque, no Urucuia, da Cenir, eram 202 famílias...

Giselle: Então tinha mais gente interessada?

Leta: Muita gente interessada. E lá, a gente teve liberdade de trabalhar na mesma linha que a gente trabalhava em Ipatinga, então, anunciava que ia começar tal serviço, que ia se pagar tanto, o povo se organizava em equipe. Aconteceu um negócio muito interessante que a Cenir acho que vai lembrar, que muita gente, por causa dessa oportunidade de trabalho, começou a mudar lá para a vizinhança do Urucuia, né, Cenir?

Cenir: Foi, verdade!

Leta: Foi um tal de alugar, procurar barracão, alugar por ali. Inclusive o Iris [?] que era o mestre de obras conseguiu ir morar lá perto . Porque, assim, virou uma oportunidade de trabalho contínua, mesmo que não tivesse a carteira assinada, porque as famílias tinham decidido que a lógica de contratação ia ser essa: só se não tivesse gente das famílias interessado ou capaz de fazer o serviço que ia procurar fora. Então, teve gente que foi passando pelas frentes de trabalho de todos os serviços que apareciam até o final, até lá na pintura né, Cenir? Você participou da pintura?

Cenir: Não, porque, antes... Não, peraí, eu fui para o Serrano depois... Você lembra que depois teve o Serrano? O Serrano também teve uma adesão muito boa do pessoal, dos mutirantes.

Leta: Teve, e a Cenir já chegou lá no Serrano como mestre, mas isso foi bem...

Cenir: Não, no Serrano, eu fui para lá para fazer alvenaria estrutural.

Leta: Alvenaria... Ah não, o Iris [?] é que foi também, né?

Cenir: Não, não. Nenhum dos dois... eram dois outros encarregados lá, tinha o mestre de obras e outro encarregado que eu não lembro o nome.

Leta: Ah, é verdade. Eu estou misturando as coisas. Mas enfim, a lógica das frentes de trabalho, Gisa, nos lugares onde ela funcionou bem e eu acho que o Urucuia é um exemplo disso, o RSV não é... o RSV aconteceu isso que a Cenir falou, teve muita contratação de gente de fora, o que não era bom porque o custo na carteira era alto e tinha isso, o cara que enrolava e que tinha lá suas garantias... essa parte a Cenir pode contar bem, porque ela que era mestra lá e tinha que ficar engolindo gente que o serviço não estava atendendo.

Cenir: É, na verdade, nós tivemos problemas... Eu mais Marina, nós estávamos até conversando sobre isso, ela tá assim, acho que foi antes de ontem: "Cenir, lembra o cara que queria te matar lá no Serra Verde?" [Risos] Era uns caras muito loucos, mas tinha... a maioria lá era contratado mesmo.

Giselle: Contratado de carteira assinada? É isso?

Cenir: De carteira assinada, isso.

Giselle: Então era, como as frentes de trabalho, muitas vezes incorporava mão de obra das famílias e, no caso, do RSV, as famílias não estavam interessadas porque elas estavam desmobilizadas, vocês tiveram que recorrer à contratação mesmo, a partir de uma forma mais tradicional, por assim dizer, de carteira assinada, já que não tinha aderência às frentes de trabalho.

Cenir: Era.

Leta: Era. E isso é péssimo na questão do controle da produção porque é isso, se o cara for morcego né, se você tiver com um monte de morcego na obra você não consegue prever quanto tempo você vai gastar, quanto que vai custar executar cada serviço e na frente de trabalho, não. O cara executou, vai lá, recebeu, né, no caso do Urucuia, tinha até a figura do controlador de qualidade que vinha a ser aquele cara, aquele sujeito chamado Alfi [?], que fazia as medições e recebia o serviço que verificava a qualidade do serviço, porque, funciona como uma empreitada, né, Gisa, e a empreitada, ela é uma "faca de dois gumes", porque, às vezes, o cara quer fazer o mais rápido possível para produzir muito e ganhar rápido e tal. Então, para você enfrentar uma condição dessa, você precisa ter os critérios de recepção do serviço, no caso do Serra Verde, era a Cenir que recebia, Cenir e Marina, né? Não, Rafael, Rafael também trabalhava nessa frente né... ia lá ver nivelamento, alinhamento, prumo das paredes, enfim, liberava o serviço para pagamento, então essa figura aí que faz o recebimento, que tá sempre ligado, por exemplo, o Alfi fazia, ele era o controlador, mas ele fazia junto com o Iris, a Cenir fazia junto com Marina ou junto com Rafael lá no Serra Verde...

Cenir: A gente ia os três, na verdade.

Leta: Fazendo... colocando régua na parede, colocando prumo, mandando desmanchar... "esse pedaço aqui não dá", enfim. Você tinha muito problema com isso lá, Cenir?

Cenir: Tinha, tinha porque o pessoal não estava acostumado a fazer alvenaria estrutural, Leta. Aí eles não conseguiam nem fazer a marcação, nossa, era um problema.

Leta: E era com bloco de concreto, né. Um bloco mais pesado.

Cenir: Bloco de concreto, exatamente.

Leta: Agora lá no Serra Verde, até hoje, é perceptível, a alvenaria que foi produzida antes e a que foi produzida... é claramente perceptível isso lá.

Giselle: Antes, com autogestão, e, depois, das construtoras assumirem.

Leta: Exatamente.

Cenir: O Elbert, mesmo, que trabalhou com a gente, lá... Você lembra dele, Leta?

Leta: Lembro, claro.

Cenir: Pois é. Ele, realmente, acompanhou bastante isso.

Leta: Agora, a frente de trabalho, sabe, Gisa, eu, quando você me falou que estava se ocupando disso, eu achei muito legal porque ela marca essa caráter da autogestão, quer dizer, são pessoas beneficiárias que estão gerindo o empreendimento, então, ele fazer parte, sem ter a carteira assinada, porque a lógica é essa, a carteira assinada, no fim das contas, ele está contratando ele próprio, ele é o contratante. As famílias autogestionárias, são as contratantes de tudo na obra: da assessoria técnica, elas que compram material, né, claro que com seus representantes do jeito que resolveram, mas, em última análise, se a pessoa é mutirante e tá com a carteira assinada, ela está contratando ela própria e também está jogando dinheiro fora, no sentido, daqueles encargos que não servem para nada, né? Só perguntar uma coisa para a Cenir: Você não era da construção civil na época do Urucuia, né?

Cenir: Não.

Leta: Eu não sei se você tem a referência de quanto que se pagava fora e quanto que vocês conseguiam ganhar nas frentes de trabalho, porque era isso que atraía muito as pessoas, o cara que já estava acostumado a trabalhar na construção, ele sabia que ele estava ganhando muito melhor ali, porque... a gente não pegava o salário do oficial e media a produção... aquela previsão ou rendimento que as planilhas dizem que produz tantos metros quadrados por hora... Não fazia isso, a gente fazia a conta com o dinheiro que a gente tinha para aquele serviço e chegava num custo por metro quadrado ou por metro cúbico, ou o que fosse, ou por uma casa instalada, porque a elétrica, a hidráulica, tudo, tudo que era possível fazer por frente de trabalho, a gente fazia.

Giselle: E esse dinheiro, para cada etapa, como que ele era definido? Eram as Assessorias?

Leta: Pela planilha original. A planilha original, ela tem a descrição por serviço, só que essas planilhas na autogestão, a gente movimentava elas o tempo todo, né, Cenir?

Cenir: É, tá sempre mudando.

Leta: A Marina pode contar isso muito bem. A gente tinha, em tese, a gente dizia: “Se a gente fizer de tal maneira, a gente pode economizar nesse serviço”, mas você tinha que ir lá e checar se é verdade mesmo, e aí, se economizasse num serviço, você deslocava esse dinheiro para outra atividade. Ou que tivesse deficitária, ou que não tivesse nem prevista, por exemplo, no Primeiro de Maio lá em Ipatinga, a gente fez o segundo pavimento, fez a escada e não tinha dinheiro na planilha para isso. Então, economizava um dia dinheiro aqui, remanejava para lá. A Marina ficava remanejando dinheiro o tempo todo, na verdade, o que a Marina remanejava era a falta de dinheiro, porque a gente passou por aquela penúria de não ter dinheiro... ter dinheiro, mas o dinheiro estar preso e ficava ali tentando... “O que que nós precisamos fazer para medição?” Aí deixava um serviço que a gente queria adiantar, parado, para fazer aquele que a medição... enfim, essa loucura, né.

Giselle: E o poder público, ele tinha algum controle sobre essa divisão do dinheiro? Porque ele fazia o repasse, depois tinham as medições, mas vocês da Assessoria que definiam essa distribuição por etapa, por serviço?

Leta: Na verdade, assim, teve uma... principalmente, a época do Urucuia, que foi quando a gente conseguiu reverter isso, porque a gente tinha uma prestação de contas que era via nota fiscal, tinha que comprovar os gastos e tinha uma outra que era a liberação do serviço executado, então, você tinha duas formas de controle, né. Quando o crédito solidário começou, né, o RSV, por exemplo, isso acabou, a gente prestava com nota fiscal, com recibo, com não sei o que, para a Associação, para o [inaudível] e a Prefeitura, a Prefeitura continuava exigindo isso, mas a CAIXA, ela não exigia isso, ela queria o serviço executado [inaudível]. “Eu quero o serviço executado” e aí fazia controle se você estava fazendo recolhimento de INSS... também tinha isso tá, essa mão de obra contratada na carteira, você tinha que ter um percentual mínimo de gente com recolhimento de INSS comprovado...

Cenir: Pois é, se não tivesse... se não pagasse em dia, se tivesse algum problema de pagamento, eles não liberavam a verba e se deixasse de pagar o INSS, eles não liberavam a outra verba.

Leta: Exatamente. Ficava atrelando. Agora, tem um episódio muito interessante, Gisa, que eu não sei se eu já cheguei a comentar com você. É que, quando começou o crédito solidário, o jurídico da Prefeitura cismou que o recibo de frente de trabalho não era um documento válido e nós tivemos que ir no Ministério do Trabalho, que funcionava ali na rua Tamóios, eu acho, explicar a situação, apresentar a situação e eles emitirem um parecer... eu não sei onde é que tem ou se alguém tem esse parecer, mas que nós juntamos num processo com a Prefeitura bancando esse entendimento de que se a pessoa é família beneficiária e integra as frentes de trabalho, ela não precisa ser contratada pela forma tradicional, mas o Ministério do Trabalho teve que bancar esse entendimento, porque a Prefeitura não queria deixar a gente fazer isso.

Ações trabalhistas

Giselle: Entendi. Chegou a ter algum tipo... porque eu acho que alguém mencionou isso, acho que até do RSV, mesmo... Ação trabalhista, que essas pessoas chegaram a mover ações trabalhistas, vocês lembram disso? O que foi isso?

Cenir: Lembro.

Leta: Você lembra, Cenir?

Cenir: Lembro, teve.

Leta: Teve dessas que eram com carteira assinada né?

Cenir: Isso, teve, eu acho, que duas ações, que eu me lembre, que foi esse menino que ele mexia na betoneira que, inclusive, ele reivindicou desvio de função e várias outras coisas, porque, na verdade, nós fizemos errado mesmo, ele era servente, colocamos ele na betoneira, alteramos o salário dele, mas, não colocamos ele para fazer um curso. Isso deu o maior problema, entendeu? Foi bom, assim, serviu de lição para a gente saber que preciso disso, precisa comprovar que tem um curso, que ele está apto a poder assumir aquele cargo né. Então, foi o que sempre pegava atestado médico e teve esse, na verdade, ele teve uma, como que eu falo? Ele tinha uma garantia que... uma estabilidade. Conseguiu ter estabilidade pelo tempo que ele pegou de atestado, que ele ficou mais de quinze dias encostado, essas coisas. Então, aí tivemos problema com ele, por causa disso ele levou o RSV na justiça e teve um outro caso, também, do cara trabalhando, levou na justiça também.

Leta: Agora, esses casos que a Cenir está lembrando eles eram desses de... não eram de frente de trabalho.

Cenir: Não eram.

Giselle: Eram contratados.

Leta: É. Das frentes de trabalho, eu me lembro de um caso em Ipatinga, que foi um cara que o povo até brincava: "Presta atenção naqueles que são mais beneficiados, eles é que vão arrumar confusão". E esse cara, de fato ele foi contratado como vigia, ele tava numa pendenga danada, não tinha onde morar aí ele foi morar na obra com a família dele, depois ele entrou na justiça reclamando. Eu nem lembro o que que aconteceu...

Cenir: Ele entrou na justiça não, entrou? Ah não, teve um lá no Serra Verde, foi outro caso, também, era um morador, aliás, um mutirante, ele nem era mutirante, minto. Ele foi trabalhar lá como vigia, ele cuidava da obra o tempo inteiro, você lembra daquele rapaz? Levou a família dele para morar lá na obra porque ele não tinha onde morar.

Leta: É, mas esse cara, na verdade, que você está lembrando, eu acho que foi quem segurou a onda na época que a gente ficou sem dinheiro...

Cenir: E ele segurou a onda por muito tempo lá, sem ninguém lá vigiando, cuidando para ninguém entrar e tirar nada, entendeu?

Leta: Puseram revólver na orelha dele, teve assalto na obra, enfim, esse, na verdade, não sacaneou não, ele fez foi o contrário, né. Agora, lá no Uruçuaia, quer dizer, nos mutirões em Belo Horizonte, eu

acho que chegou a ter um caso, mas que nem foi aceito, assim, a pessoa não conseguiu aquilo que ela estava reivindicando. Isso seria bom da gente perguntar para a Graça ou para a Antônia, a Graça ou a Antônia são capazes de saber de algum caso. Eu acho que teve alguma coisa desse tipo, mas foi tão insignificante, uma pessoa ou duas pessoas num monte que passou por ali e era isso, as pessoas recebiam, assinavam o recibo "Eu fulano de tal, integrante das frentes de trabalho remuneradas recebi tantos reais pela execução de tais serviços". Era um negócio bem expedito.

Formação dos trabalhadores

Giselle: Então, deixa eu ver se eu entendi. As frentes de trabalho remuneradas se formavam a partir de demandas, né? Então, era isso, vocês anunciavam lá na obra, no próprio mutirão que ia ter, por exemplo, que ia começar a subir alvenaria, aí as pessoas se voluntariavam para isso e, não necessariamente, tinham experiência prévia com isso. Como que acontecia essa formação, inclusive para fazer link com esse caso que a Cenir comentou da pessoa que mudou de função... de servente, ele passa a ser operador lá da betoneira, mas ele precisava de um curso para fazer essa ponte e nessa primeira geração, como que acontecia isso, entendendo que uma mesma pessoa ela podia ocupar diferentes funções na obra, né. Ela podia começar lá, desde a fundação, principalmente, nos mutirões, mas, também, nas frentes de trabalho remuneradas, passar alvenaria, instalações, telhados... Como que era isso? Essa transição. Havia cursos? Como que... é, essa organização geral da obra.

Cenir: Bom, eu acho que, dependendo da necessidade e de que pessoas que sabiam fazer, é que tinham essas mudanças, entendeu? Como a maioria era mutirante e os que não eram, acho que tinham um entendimento muito bom a esse respeito, aqui não teve problema com isso, então eu acho que não teve esse negócio de precisar do curso, tinha que ver a capacidade de cada um.

Lata: Na verdade, Gisa, era aquela lógica da empreitada, então, montava uma equipe, se o trabalho exigisse algum tipo de especialização, por exemplo, alvenaria, o cara tem que saber fazer alvenaria... prumo, nível, esquadra, alinhamento, e a gente dava curso de formação na obra para alvenaria estrutural, depois teve para parte elétrica e a parte hidráulica... aquela história de montagem dos kits, das aranhas... lembra disso, Cenir?

Cenir: Lembro, eu fiz o curso de elétrica três vezes.

Leta: Então, assim, na verdade tinha, Gisa, não no sentido do controle, mas no sentido da formação, tá? Então, assim, todas as obras tiveram curso de alvenaria para quem queria, então, no caso da obra da Cenir, já tinha os pedreiros que já tinham aprendido, tanto do Villaregia... eu não lembro se... quem é que estava remanescendo lá da turma de Ipatinga, porque teve gente que ficou também porque era uma frente de trabalho, era uma oportunidade que lá em Ipatinga não estava tendo. Os mutirões acabaram lá e aí a pessoa se deslocou. Mas essa questão da especialização necessária para cada serviço, a equipe resolvia entre eles, por exemplo, concretagem de fundação, a gente tinha as marcações, a locação da obra, a marcação das valas, isso tudo quem fazia eram os encarregados durante a semana. A Cenir, por exemplo, quando ele foi lá para o RSV, ela e o Rafael, lá teve uma... a primeira parte, como era uma obra muito grande e contínua, não eram pequenos blocos de edifícios juntos, era o prédio inteiro, a gente teve que fazer essa marcação com

contratação de topografia. A topografia foi lá para fazer a movimentação e tal. Mas, depois disso, com o terreno já terraplenado, quem fazia isso era Cenir, Rafael, Marina, quando eu tava junto... enfim, eram eles mesmos que faziam. E esse serviço mais especializado a frente de trabalho já encontrava pronto, então, não eram eles que marcavam a vala, eles chegavam e a vala já estava pronta, ela abre daqui para lá, qual a profundidade tal, vai compactar e tinha todo mundo que estava controlando a obra, olhando o serviço, não no sentido de fiscalizar, mas no sentido de orientar, no sentido de checar que, também, era uma outra coisa muito interessante que eu falei aquele negócio da empreitada, que o sujeito tende a querer terminar o serviço logo para poder ganhar mais dinheiro, mas, no caso, dessas obras onde a presença das famílias era predominante, ninguém queria fazer serviço mal feito porque aquela casa podia vir a ser a dele, né, Cenir? Ninguém sabia qual era a casa dele, então, só ia ter o sorteio, as escolhas, lá no final. Então, ninguém ia lá, por exemplo, essa coisa da fundação estar bem compactada, não deixar, por exemplo, ah, encontrou um formigueiro no caminho, ninguém tinha coragem de ignorar aquilo e fazer de qualquer maneira porque ele podia vir a morar naquela casa.

Giselle: Entendi, mas você me falou, então, que no RSV, esses serviços já eram feitos previamente pela Cenir, Rafael e Marina que eram Assessoria, no caso, compunham a Assessoria Técnica?

Leta: Ou junto com... porque você vai identificando os caras bons, os caras que aprendem rápido, então, a gente contava com essas pessoas também.

Giselle: Nas frentes?

Leta: Nas frentes de trabalho.

Giselle: Entendi, mas e no caso do Uruçuia e Villaregia, os primeiros. Quem fazia esses serviços que a frente não dava conta? Ou a frente dava conta nessa época?

Leta: Toda obra tinha um encarregado... O encarregado, o almoxarife, o apontador, todas essas funções podiam ser contratadas como frente de trabalho, se o cara fosse das famílias. A forma de pagamento é que era diferente, não o serviço, que não dá para medir a produção. Então, o mestre de obras, o encarregado, o apontador, o almoxarife, quem tá lá com aquela função... o vigia, você pegava mensal, mas pagava mensal como frente de trabalho. **Remuneração dos trabalhadores**

Cenir: Mas quando era coisa que não... na verdade, pagava na diária né, não estipulava um valor mensal assim 'ah você vai fazer aquilo ali durante esse mês', na verdade não, via quanto tempo a pessoa gastava, quantos dias demorava pra fazer aquele trabalho e pagava na diária.

Leta: É, se fosse, por exemplo, montar o gabarito para marcação da obra, por exemplo, então pegava uma semana inteira do cara, né? Ou então, chegava a esse valor 'ó, cada bloco que você marcar paga X' tendo por base o tempo médio de produção daquilo. Agora, essa coisa dessa distinção entre ser encarregado, ser servente, isso era uma misturada geral nas frentes de trabalho. A começar pela história dos capacetes brancos, né Cenir? Os capacetes brancos começaram lá no Uruçuia.

Cenir: Todo mundo tinha um capacete branco.

Leta: Em Ipatinga ninguém usava capacete para ter ideia. Era uma coisa que assim, era mesmo mais próximo de um mutirão espontâneo do que de uma obra de um canteiro de obras formal. Agora, na alvenaria, por exemplo, o oficial ele ia lá assentando os blocos e tal, mas o preenchimento de juntas por exemplo, já era coisa que o ajudante fazia, pôr as bisnagas, né Cenir?

Cenir: Isso.

Leta: O oficial deixava com a galga as juntas abertas, vazias, e depois o ajudante vinha fechando, então teve equipe que a distribuição do dinheiro internamente, a hierarquia do dinheiro, era mais equilibrada do que outras, mas aí o que acontecia? Os bons ajudantes eles preferiam trabalhar com os oficiais que reconheciam que o trabalho dele... porque as equipes eram montadas entre eles, a gente não interferia 'ah fulano [inaudível] fulano é uma equipe" nem as equipes de final de semana, as equipes de mutirante, não era a gente que determinava, eles se organizavam entre eles.

Cenir: É, a gente se organizava e aquela turma que se desse melhor ficava naquele grupo, entendeu? Era muito bacana [risos].

Giselle: Era autogestão mesmo, né?

Cenir: É.

Leta: É, as pessoas iam se agrupando de acordo com o interesse delas, com a afinidade, com... sabe? Então, tinha equipe que preferia ser menor, trabalhava lá ao invés de juntar oito, dez pessoas, trabalhava três, quatro, cinco pessoas, pegava as casas para abrir a vala e demorava mais que uma outra equipe maior, mas preferia trabalhar assim porque tinha menos desentendimento entre elas, enfim era uma coisa que de fato era gerida entre eles.

Divisão de tarefas na obra

Giselle: Isso que eu queria entender. Em relação aos mutirões, quais tarefas cabiam aos mutirões? Porque eu sei que tinha muita organização do canteiro para facilitar o trabalho das frentes de trabalho remuneradas e existia limpeza num primeiro momento, tinha essa coisa de separar material, limpeza, abertura de vala...

Leta: Movimentação de terra.

Cenir: Concretagem das lajes.

Leta: Organização dos materiais, por exemplo, as pilhas de bloco, transporte de material. Então, "vai começar a alvenaria naquele setor", então o transporte de blocos e a organização das pilhas próximo da produção a gente fazia em mutirão. Cuidar das crianças, cozinhar, cuidar do canteiro como um todo: lavar os banheiros, coisas desse tipo. Outra coisa que era remunerada por mês: a

gente cozinhava durante a semana também, né Cenir? [Inaudível, todas falam ao mesmo tempo]
Era delicioso isso.

Cenir: Tinha a cozinheira né? Fazia comida, a gente pagava aquele valor X, que era um valor bem simbólico mesmo, pro almoço diário.

Leta: Todo mundo que ia almoçar, que almoçava na obra, se juntava e uma pessoa que normalmente era cozinheira, que já atendia aos finais de semana, ela ficava durante a semana, mas paga pelos trabalhadores, por nós mesmos.

Giselle: É, eu conversei acho que foi com a dona Sebastiana, do Villarégia, ela era cozinheira nas obras, das frentes de trabalho também, trabalhava no mutirão, porque ela é salgadeira e ela falou que ficava na cozinha. Então tá, entendi.

Leta: Já em Ipatinga... Ipatinga, como a gente tinha uma mega horta e tinha movimento no canteiro a semana inteira, muita gente trabalhando nas frentes de trabalho, o próprio mutirão bancava a cozinha, não era igual a gente fez lá no Urucuia, que quem tava trabalhando, inclusive, quem não quisesse entrar, não entrava, levava sua marmita, ficava morrendo de inveja da cozinha da gente, né Cenir [risos alegres] porque era uma comida muito boa e barata.

Giselle: Imagino. Então, deixa eu entender. As funções que operavam nesse canteiro das frentes de trabalho... porque, tudo bem, os mutirão era mais organizativo para facilitar a atividade...

[a entrevistada Leta sai para atender ao telefone e retorna aos 00:54:45]

Giselle: Vê se eu estou falando certo Cenir. Os mutirões eles meio que davam um apoio para a obra que acontecia durante a semana. Tinha um trabalho de concretagem e tudo ali das lajes, mas não tinha alvenaria, por exemplo.

Cenir: Alvenaria não, alvenaria era só no decorrer da semana.

Giselle: Entendi, mas...

Cenir: Mas a concretagem das lajes era muito pesada. A gente concretava em média de duas lajes por grupo no final de semana. Eram três grupos que faziam a concretagem. Eu participava de um e todos os finais de semana a gente concretava as lajes e para adiantar, pra deixar a mão de obra liberada, pro pessoal vir fazer a alvenaria.

Giselle: Entendi. E aí era essa a organização que a Leta falou: vocês se reuniam e faziam esses grupos por conta própria.

Cenir: É, já era definido o que ia ser feito nos finais de semana. Aí tinha os grupos, cada um já pegava o que ia fazer e já partia pra cima.

Giselle: Entendi, e aí a Assessoria acompanhava a execução desse serviço?

Cenir: Acompanhava.

Giselle: E as lideranças? Como era essa relação com, por exemplo, Antônia na época do Urucuia... Ela também depois foi ao RSV, né? Liderança pela [inaudível].

Cenir: É, mas ela quase não ia lá, na verdade, ela ia muito pouco. Ela participava, mas um pouco mais distante do que a daqui.

Giselle: Então vocês ficavam mais ligados à Assessoria Técnica, no caso, do que às lideranças?

Cenir: Isso, exatamente.

Giselle: Então esse controle da qualidade vinha mais deles do que as lideranças da Associação. Uma outra coisa que eu quero...

[conversa rápida sobre ajuste do microfone]

Atuação feminina na obra

Giselle: Eu sei que os mutirões eram mutirões basicamente de mulheres, né? Porque a luta é uma luta feminina dessa autogestão. Agora, e durante as semanas, isso mudava?

Cenir: Mudava. Durante a semana tinha algumas mulheres sim, mas a maioria eram homens.

Giselle: Entendi. E por que tinha essa inversão, você acha?

Cenir: Olha, eu acho porque não tinha muita formação no canteiro de obra para mulheres. Hoje, já tem mais, mas não tinha, então eu acho que tem esse problema. E tem uma coisa que Leta falou de que quem rejuntava eram os ajudantes... Na verdade, eu me lembro bem disso. Era os ajudantes, mas os ajudantes não eram pagos pelo pedreiro, eram pagos pela Assessoria, Assessoria não, pelo pessoal da Associação. Eles pagavam o metro quadrado de rejunte. Eu lembro que tinha uma das meninas, que morava aqui, ela não mora mais, ela vendeu a casa dela. Ela trabalhava como rejuntadeira então... eles pagavam, tinham algumas meninas e também tinham alguns rapazes que trabalhavam só fazendo os rejuntes e eles ganhavam por metro quadrado de rejunte pronto.

Leta: É, é verdade. O rejunte acabou virando uma... um serviço de frente de trabalho. Agora o que mais que a gente fazia no mutirão e de frente de trabalho? Esses serviços que sempre envolvem, por exemplo, bater laje, bater laje é tradicional do mutirão, porque demanda muita gente o tempo todo.

Cenir: Pois é, é isso que eu estou falando com ela. No final de semana tinha três grupos que mexiam só com concretagem e os outros espalhados, cada um fazendo uma função diferente e a gente concretava as lajes nos finais de semana pra liberar a frente pros meninos durante a semana.

Leta: Exatamente, mas a montagem da laje era...

Cenir: Era feita durante a semana, a gente só concretava.

Giselle: Leta, eu estava perguntando à Cenir, se mudava a composição das frentes de trabalho remuneradas em relação aos mutirões no sentido das mulheres, porque os mutirões eram expressivamente femininos e aí a Cenir apontou que durante a semana isso já mudava, eram mais homens, apesar de existir algumas mulheres, eram mais homens. Você tinha essa percepção também?

Leta: Não, na verdade não. Talvez para determinado tipo de serviço, por exemplo, da alvenaria, não tinha muitas mulheres, acho que a Cenir foi uma das poucas que... mas, inclusive...

Cenir: Mas eu aprendi aqui, mas não trabalhei aqui com alvenaria, não tinha mulher nenhuma trabalhando na alvenaria, só homens.

Leta: É, né?

Cenir: As meninas que trabalhavam aqui, trabalhavam com rejunte, elas só preenchiam aquele vão dos blocos e mais nada e trabalhavam de [inaudível].

Leta: Mas eu acho que dependia da época, porque por exemplo, na época de abertura de vala, muita mulher trabalhou, né Cenir? Muita mulher trabalhou na...

Cenir: É, mas no final de semana Leta, durante a semana não tinha.

Giselle: É, durante a semana Leta.

Leta: Tinha, tinha.

Cenir: Não, durante a semana não tinha. Eu lembro disso, isso eu lembro muito bem.

[inaudível, as três vozes se sobrepõem]

Leta: É, mas assim, Ipatinga não tinha a menor distinção entre o final de semana e o meio de semana em relação aos serviços das frentes de trabalho. Quando chegava na alvenaria [inaudível] Ipatinga não tinha nenhuma mulher na alvenaria. Agora, essa lembrança sua de que nas frentes de trabalho durante a semana tinha pouca mulher Cenir... Não é a lembrança que eu tenho não. Tanto que a gente mudou lá pra perto pra poder ficar ali perto do serviço.

Cenir: Pois é, mas eram poucas mulheres trabalhando, tinha mais homens.

Giselle: E no RSV também Cenir? Na segunda fase também?

Leta: No RSV quase não tinha mulher.

Cenir: Tinha não. Lá tinha aquela menina que começou a trabalhar na montagem, na ferragem, lembra? Que ela aprendeu lá com Zeli [?].

Leta: Tinha...

Cenir: A não, a Roseli... ai como que ela chama? Sandra não, até vi ela esses dias no Facebook [risos] Vânia. Vânia e eu acho que era só, viu Leta?

Leta: Não, e tinha na ferramentaria... No almoçarifado, na contadoria era uma menina, inclusive deu muito trabalho pra gente, mas aí são serviços mais de escritório, não tem muita exigência de força bruta, né?

Giselle: É, e vocês acham que nos mutirões, por ser mais mão de obra feminina e ter esse trabalho pesado da concretagem das lajes, houve algum tipo de alteração, adaptação, do que seria uma obra tradicional pelo fato de terem mais mulheres, ou não?

Cenir: Ah, eu acho que teve sim. Algumas das meninas, eu não sei [risos], acho que na verdade a gente ficava muito cansada mesmo, a gente se adaptava, mas ficava exaurida, porque tinha que trabalhar durante a semana, mas eu acho que teve uma adaptação boa das mulheres nessa parte aí.

Leta: Isso é uma coisa que eu acho que a Cenir até hoje faz nos, principalmente nos, quando tá com a Arquitetura na Periferia, ninguém carrega um saco de cimento sozinha. Carrega um de dois, de duas.

Cenir: Eu carregava Leta.

Leta: Pois é, mas...

Cenir: Carregava, me doía inteira...

Leta: Porque você não deixa as outras...

Cenir: É....

Leta: Mas nos mutirões a gente não fazia isso.

Cenir: É, trabalhava em grupo.

Leta: É, o carrinho com a terra, por exemplo, ao invés de o carrinho de brita, o carrinho de areia, ao invés de encher o carrinho até lá em cima, colocava meio carrinho. Tem uma foto de um mutirão lá no Serra Verde, uma foto que eu gosto muito, das filinhas de gente... então as mulheres entravam na fila com o carrinho, mas saía com o carrinho pela metade. Porque era a maneira de... compensar dessa coisa ... dessa força bruta, aquela história de fazer formiguinha pra ir passando a lata de mão em mão.

Cenir: Funcionava bem.

Leta: Sempre funcionou, não só com mulher, mas com homem e mulher, embora, em... ô gente, mas isso é batata: toda vez que tem uma coisa desse tipo, tem sempre algum homem que se recusa a entrar na filinha, de ficar só passando, e vai lá, inclusive fica atrapalhando os outros, porque fica trançando pra lá e pra cá, e pegando a lata dele e pondo no ombro e levando e toda vez tem alguém que acha, que daquele *jeitinho* ali é improdutivo, enfim, mas isso a gente usava muito, esse expediente, né Cenir?

Cenir: É, a gente usa ainda né? Igual na Arquitetura que você comentou a gente faz isso demais, facilita muito.

Leta: Eu estava observando outro dia um mutirão lá no Roximin [?] e aí você tem muitas mulheres que trabalham a terra, né? E eu ficava observando a Lúcia nos expedientes que ela tem de fazer o serviço ficar um pouco mais leve, então por exemplo ela joga a pá, mete a pá, e ajuda com o pé a encher, sabe? A enxada, mesma coisa, ela puxa pra perto, se ela tá trabalhando com a pá ela põe a enxada.

Cenir: Na verdade, a gente nem joga a pá, a gente encosta a pá e empurra com o pé.

Leta: É, empurra com o pé, mas no caso dela, ela empurrava a terra pra cima da pá, entendeu?

Cenir: Com o pé?

Leta: Com o pé.

Cenir: Ô gente [risos] e aí dói o pé, não dói não?

Leta: Não, e ela faz isso rápido, é o jeito que ela adaptou. Com a enxada, a mesma coisa: ela puxa a enxada, empurra com o pé e vai, enfim, eu até fiz um videozinho dela trabalhando assim, achei bem interessante.

Desperdícios e cuidados na execução da obra

Giselle: Eu acho que só tem mais duas perguntas pra finalizar. Sobre desperdícios, erros, porque Leta mencionou essa questão de ter um certo cuidado, porque vocês não sabiam em que casa seria sorteado para morar depois e com isso todo mundo tinha uma atenção para esse trabalho. Nas frentes de trabalho remuneradas, mesmo incorporando mão de obra, que não era, necessariamente, de pessoas que iam morar, tinha esse cuidado? Como era essa questão do desperdício? Porque é muito comum em obras, principalmente, de concreto armado, ter uma série de retrabalho, de dispensar muito material. Como vocês veem isso dentro da organização das frentes de trabalho remuneradas?

Leta: Fala aí, Cenir.

Cenir: Olha, na verdade, quando a gente tem concretagem pra fazer a gente deixa sempre um lugar preparado pra caso sobre concreto, entendeu? Passeio, alguma coisa assim que você consiga usar o concreto depois, pra não ter esse tipo de desperdício, senão você tem que pedir pro caminhão voltar com o concreto, antigamente eles ainda faziam e doavam, agora não, eles jogam onde tiver, você tem que se virar pra poder consumir com isso, com o material, então quando a gente vai mexer com a concretagem a gente deixa sempre um espaço, um lugar, onde a gente possa usar depois se sobrar.

Leta: É, agora essa história de...

Cenir: Porque sempre sobra, na verdade. A gente sempre pede um pouquinho a mais, porque fica um pouco no caminhão e é o que eles jogam lá no chão.

Leta: Agora, essa história do desperdício Gisa, eu acho que de novo dependendo da consistência desse grupo autogestionário, o envolvimento deles com a obra, a gente aproveitava de tudo. Então, tinha lá em Ipatinga, por exemplo, tinha a equipe que o delegado chamava depreciativamente *equipe de limpeza*, porque ele era tronco assim, uma pessoa muito... então ele ficava desvalorizando o trabalho dessas pessoas que ficavam, por exemplo, recolhendo prego, madeira, organizando a madeira, porque a madeira, se você vai largando ela em todo lugar e não tem uma forma organizada, você não consegue aproveitar, você tem que ter ela mais ou menos separada por tamanho, bem acondicionada porque se não perde, então tem um monte de serviço, a própria pilha de bloco, se vai desmontando a pilha de bloco você começa a perder, quebrar, enfim. E essas equipes que faziam a organização de um material e tal elas sempre existiram, sempre. Então, tinha umas pessoas assim, umas doninhas, que pegavam o serviço, porque consideravam mais leve, mas não só por isso, porque dava valor, àquela, àquele material, que foi comprado, que gastou dinheiro com ele que tá ali pra ser reaproveitado. Essa semana eu vi acontecer aqui ó; a Flor [?] colocou os sobrinhos dela pra catar prego o povo montou a forma da escada, depois vou te mandar a foto Cenir, e aí tem prego pra todo lado, porque o cara não fica recolhendo prego que caiu, alguém tem que fazer isso depois. Aí eu achei bem interessante que a Flor pegou os dois sobrinhos dele aqui mais o Fred e catando, e organizando, e levando de volta. É isso que a gente fazia muito nas obras, não tinha isso de material que é reutilizável ou utilizável, no caso de prego por exemplo, tinha sempre alguém para recolher e organizar.

Compreensão da obra e análise do controle de produção pelos trabalhadores

Giselle: Perfeito. E sobre a compreensão da obra como um todo? Porque, como era por demanda e algumas pessoas podiam integrar diferentes atividades ao longo da obra até ela ser concluída, vocês acham que isso... Eu tô fazendo a pergunta quase induzindo né? Mas o que eu quero dizer é: existia uma compreensão maior da obra por isso ou o próprio arranjo da frente de trabalho remunerada possibilitava uma compreensão maior da obra do que nesses canteiros tradicionais em que as vezes é tão parcializado as atividades que o trabalhador só compreende aquilo. Às vezes tem um assentador de cerâmica e ele vai fazer aquilo do começo ao fim e não tem compreensão do resto, porque entra muito depois o serviço. O que eu quero entender é isso, se existia uma compreensão

maior e inclusive pro projeto, se existia uma ponte daquele projeto que foi feito previamente para essas pessoas que trabalhavam no cotidiano da obra.

Leta: É, uma coisa que a gente sempre fez questão foi deixar os projetos expostos, sempre. Dependendo da complexidade, por exemplo, os sobrados, a construção dos sobrados, como eles são todos iguais só rebatido, na verdade, com pouca diferença lá no caso do Urucuia tinha o tipo um e o tipo dois só, pelo tempo de obra, pelo envolvimento, só no fim de semana, as pessoas já tinham uma compreensão maior daquilo e o interesse, porque vai morar, porque ficava medindo pra ver quanto que precisava comprar de cerâmica, quando fosse colocar cerâmica. Agora, a frente de trabalho, essa coisa de você entender qual é a próxima oferta de serviço fazia com que as pessoas se interessassem mais. Por exemplo 'onde que vai ser o próximo lote de fundação? Por que nós estamos terminando aqui e quem vai fazer a marcação? Onde é que vai tá? Quando é que vai tá liberado pra frente de trabalho, para a equipe poder pegar?' Lá em Ipatinga mais ainda, porque nós estendemos o tempo de obra por causa daquela história do dinheiro, que não estava saindo com a mesma quantidade com a mesma quantidade que tava previsto e tinha essa coisa de decidir o que fazer com a economia, então todo mundo queria dar palpite, e queria dar palpite, tentando entender o que estava acontecendo e o que era possível fazer com aquele dinheiro. Então, eu acho assim, na frente de trabalho isso depende muito do interesse das pessoas, mas a Cenir por até dar a opinião a respeito, mas me parece que quem ingressa na frente de trabalho tem um interesse maior que não, que estão fazendo outras coisas, que não podem entrar na frente de trabalho. O Serra Verde, como era um projeto mais complexo, eu acho que essa compreensão demorava mais, demoraria mais, e nem chegou a acontecer porque tinha uma ausência muito grande das famílias no canteiro. Então, o Serra Verde eu acho que ele foi muito distinto das outras experiências autogestionárias por conta daquela interferência da Caixa Econômica que desmantelou o grupo, desmantelou totalmente. Mas uma pessoa como aquele menino que você lembrou agora a pouco, o Hebert, o Hebert sabia tudo da obra. Aquele senhor que você entrevistou Giselle, o João Antônio, Zé Antônio né Cenir, Zé Antônio sabia de tudo como sabe até hoje, ele sabe de tudo naquele conjunto. Então eu acho que depende muito do interesse da pessoa, abertura pra isso tem, essa história de colocar os projetos expostos, a prancha ficava velha a gente ia lá e trocava, no caso da alvenaria estrutural cada pedreiro tinha que ter a sua plantinha de fiada, as elevações, o caderninho, o que ajuda muito nessa compreensão. No Serra Verde, teve aqueles jogos que foram tentados, aquelas perspectivas. Eu lembro muito, e a Cenir deve lembrar também daquelas perspectivas, principalmente da hidráulica e da elétrica, mostrando principalmente como é que a instalação era feita. Então assim, já tinha um esforço anterior de facilitar a compreensão das pessoas, no caso do Serra Verde. Nos anteriores, tinha isso que a gente fazia, colocava a prestação de contas, colocava a planilha, ficava tudo exposto. Envoltas, no barracão de obra e no refeitório tava sempre cheio de informação, projeto técnico, planilha, prestação de contas, tava tudo lá.

Giselle: E tinha os protótipos.

Leta: E tinha os protótipos, que era a maneira mais, digamos, eficiente das pessoas entenderem o que ia acontecer lá no final.

Cenir: Pois é, e aí a relação disso também de fazer mais de uma função da obra, que não é o caso das construtoras né? Que é aquilo ali, se é alvenaria, é só alvenaria, se é só reboco, a pessoa não

consegue fazer mais nada, não pode colocar pra fazer mais nada e eles não aprendem mais nada. Então nessa parte dessa autogestão e também dessas obras particulares que a gente faz, é diferente. Você pode fazer uma função e se tiver qualificação outra, você pode fazer outra coisa, dentro das construtoras você não pode. Você contrata pra fazer aquilo e pronto, como se fosse um cavalo com aquela viseira. Então, você só faz aquilo, você só olha pra aquilo, você não consegue aprender outra função, você não consegue, não pode fazer outra função e eu acho isso horrível.

Giselle: Essa era uma pergunta; porque eu tava lendo um texto, até bem antigo, do Nilton Vargas. Eu peguei esse texto da época do mestrado, tava aqui, eu falei 'gente eu tenho que ler esse cara de novo.' E ele descrevendo a dificuldade...Porque na hora que a Cenir falou do caso do servente do RSV que passa a ocupar a betoneira, mas ele vai lá e faz e processa vocês e tudo, processa assim mesmo né, porque esse é um processo autogestionário...

Leta: Mas esse cara eu acho que ele não era da família.

Giselle: Não era da família né?

Cenir: Ele era contratado.

Giselle: Ele era contratado. Tá. Mas assim, eu tava lendo esse texto do Nilton Vargas e ele falando que os serventes pra eles conseguirem mudar de posição no canteiro eles precisavam de usar de estratégias de convencimento, porque é muito difícil de fazer essa transição, é isso que a Cenir tá falando. Na verdade assim, a obra, ela se constitui de uma forma que esse cara, ele tem que continuar nessa posição rebaixada e opera de tal forma que ninguém incentiva. Os mestres não vão incentivar, os encarregados também não, a estrutura de competição ali é tão grande que esse profissional ele continua pouco qualificado, que é isso de fazer serviços menores. E é engraçado que no RSV isso daí ele usou como se fosse um argumento ruim, como se fosse algo prejudicial a [inaudível], sendo que na verdade ele poderia ter encarado como um benefício, que é né.

Leta: Então, essa história de ficar vislumbrando qual vai ser a próxima oportunidade de trabalho que vai abrir também estimulava as pessoas a aprender a fazer aquilo pra poder ter o trabalho na próxima etapa. Então tá abrindo vala, depois vai ter que concretar as valas, então como é que concreta a vala e como a equipe começava a se organizar em equipe para poder fazer isso. Eu acho que... E também, assim, tinha abertura para isso. No caso do RSV, por exemplo, não tinha protótipo, né Cenir? O que a gente usou pra aprendizado da alvenaria foi o muro, o muro divisório, né Cenir?

Cenir: Foi, foi sim.

Leta: O Hebert, por exemplo, ele...

Cenir: O Hebert participou, a Vânia participou e aprendeu, porque ela era mutirante. Não, minto, ela é irmã de uma mutirante, a Vânia, que é mutirante, que era a Roseli, que aprender a mexer, a trabalhar com ferragem, com armação.

Leta: Então, eu acho que é isso, eu acho que no próprio conceito, sabe Gisa? Tá implícito isso, de quebrar essa rigidez do canteiro tradicional que impede as pessoas de se formarem, de galgar... não no sentido de galgar de sair de ajudante pra ir pra oficial e depois virar encarregado, mas de saber lidar com tudo que tá acontecendo ali. Porque, afinal de contas, tá construindo a casa dele, tá ganhando pra poder desempenhar as funções, então se ele conseguir aprender uma coisa ou outra e outra eu acho que o próprio exemplo da Cenir é por aí. Ela deixou de trabalhar de sacoleira, começou como ajudante na obra, não chegou a fazer alvenaria, mas ficou toda atenta pra depois, logo na sequência, ir se aperfeiçoando e ir fazendo uma coisa, fazendo outra, depois eletricidade, depois hidráulica, depois... enfim, tudo né Cenir?

Cenir: Uhum. Pois é. Eu acho que a obra tem que ter espaço, tem que ter abertura pro pessoal aprender. Toda obra, eles têm que fazer isso, eles deveriam fazer isso, mas não fazem.

Giselle: É, não interessa, na verdade, nessa estrutura tradicional que o trabalhador tenha controle sobre a produção, que é exatamente isso que vocês estão relatando que acontecia na autogestão, que existe uma auto organização, existia uma distribuição autônoma entre as equipes, que não era mediada por uma hierarquia mediada pela Assessoria, que na verdade, existia ali um arranjo próprio dos trabalhadores, inclusive essa remuneração era feita dessa maneira, e isso não interessa ao capital né? Que as pessoas consigam controlar a produção, muito pelo contrário. Hoje em dia, o que existe é essa produção que a Cenir falou, é um trabalhador muito cego do processo como um todo e pra ele ter essa compreensão seria necessário outra premissa mesmo, de obra, o que parece que a autogestão dá conta. Gente, acho que foi assim muito esclarecedor. Pra mim ficou muitas coisas que se juntaram, inclusive do próprio mutirão, porque é isso. Tem quase quatro anos que eu tô conversando com as pessoas e tem hora que eu perco um pouco o foco e falei 'gente, tem que entender um pouco melhor o que é a frente de trabalho remunerada'. Muitas das coisas a Leta já tinha comentado comigo, mas agora ficou muito mais fácil de compreender, inclusive essa incorporação, autonomia que existia ali.

Leta: Uma coisa que também era das frentes de trabalho que eu adorava era as bancadas, as bancas de dobrar ferro. No RSV teve uma ferragem mais pesada, tinha umas vigas, aquelas vigas que substituíram as paredes para deixar os dois lados da... deixar o espaço mais livre, então tinha uma ferragem mais pesada ali, mas tinha também uma ferragem leve, mas não foi o caso por conta da ausência das famílias. Mas no Urucua e nos outros, a bancada de dobrar ferro para cinta, verga, contra verga, que é uma ferragem leve, era muita mulher que fazia, Cenir, né? Era muito mulher, então elas ficavam ali e isso era uma função que tanto podia ser feita no final de semana como pela frente de trabalho, dependia da urgência que você tivesse daquela ferragem. O cara que fazia a alvenaria, ele já recebia a armadura que ele ia utilizar já cortada ou já armada quando era o caso. Cenir, tá sem microfone.

Cenir: Desculpa [risos]. Os estribos dobrados também.

Leta: Sim, os estribos dobrados. E amarrava de pacotinhos assim. As aranhas para hidráulica, para distribuição de água, montava também como uma pequeninha linha de produção.

Giselle: Bacana demais. E uma última questão assim: problemas. Além dessas questões de problemas trabalhistas que vocês mencionaram, o que mais vocês encontravam de dificuldade nas frentes de trabalho remuneradas, problemas cotidianos, dessa organização própria da FTR?

Leta: É, um medo que tinha assim sempre é o, não é exclusivo de frente de trabalho, é o acidente de trabalho, mas é incrível... eu acho que a gente teve pouquíssimos, acho que acidente sério eu não presenciei nenhum, não lembro. É claro que cortar, machucar, mas acidente mais sério, você lembra de algum Cenir?

Cenir: Não, eu acho que não. O único acidente que eu lembro foi o que aconteceu comigo mesma, falta de atenção. Eu tava parada próxima a um tubulão, se não fosse o Rafael eu tinha caído lá dentro, quando eu ia cair ele me segurou, torci meu pé, fiquei dias sem colocar o pé no chão, mas fora isso... Eu me provoquei, fora isso não lembro de acidente nenhum.

Leta: Mas a gente sempre ficava apreensivo por conta disso. É um ambiente que oferece riscos, mas eu acho que as pessoas se cuidavam e cuidavam umas das outras e enfim. Essa coisa do capacete, por exemplo, Ipatinga não tinha capacete, gente, ninguém usava capacete. Usava luva quem queria e quem não queria não usava, quem achava que atrapalhava, enfim. [inaudível] acho que ninguém usava luva direito né Cenir, tinha luva disponível né?

Cenir: É, mas quase ninguém usava mesmo não.

Leta: Quase ninguém usava. Eu acho que mais problemas, era uma coisa que se auto organizava, sabe, Gi? E as pessoas... elas se juntavam voluntariamente, não eram obrigadas a trabalharem juntas, elas estavam na equipe se queriam, quando não queria saía fora, se juntava em outra, ou não juntava. Então, eu acho que isso tudo facilita muito em não ter problemas.

Cenir: Mas eu acho que o maior problema mesmo Leta era no final dos mutirões. Porque todo mundo ia pro buteco beber cerveja, era a melhor parte [risos gerais].

Giselle: O problema era a ressaca depois né, Cenir? [risos de todos]

Leta: A gente movimentava a economia local né Cenir?

Cenir: Demais da conta.

Giselle: Gente, foi ótimo. Fiquei bastante contemplada com a fala. Acho que é isso, tenho um entendimento maior do que foi essa...

Cenir: Eu até falei né Gi? [risos alegres]

Giselle: Falou! Falou muito. Vão ter muitas citações.

Leta: Se você quiser que ela fale mais você tem que sentar na mesa de um botequim.

Cenir: Nossa Senhora! Depois de uma cerveja...

[brincadeira geral]

Leta: Mas então vamos, bora que eu tenho que comer agora. Ô Cenir...

Cenir: Eu também, eu cheguei era quase oito horas da noite.

Giselle: Gente, obrigada viu?

Leta: Ô Gisa, as questões que forem aparecendo à medida que você for processando, você aciona a gente.

Giselle: Tá. E aí eu vou querer o contato da Marina depois também. Então tá gente, beijão, obrigada viu?